

**PAJÉ, AQUI? NÃO: UM ESTUDO DAS MUDANÇAS E  
PERMANÊNCIAS DOS CULTOS DE PAJELANÇA NAS ILHAS DE  
ABAETETUBA-PA**

**PAJÉ, HERE? NO: A STUDY OF CHANGES AND SOJOURNS OF  
SHAMANIC CULTS ON THE ISLANDS OF ABAETETUBA-PA**

Lucielma Lobato Silva<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este trabalho analisa as mudanças e permanências dos rituais de pajelança nas ilhas de Abaetetuba-PA, demonstrando como essa prática é florescente, ainda que alguns moradores das comunidades apontem seu desaparecimento, pois várias são pessoas que atuam na pajelança, ainda que de forma direta ou indireta, nos “velhos modos” ou nas novas tradições (HOBSAWN, 2012). Os velhos modos, podem ser os que Wagley (1957) denomina de “pajés sacacas” que são “reconhecidos pelo grupo como capazes de realizar incursões ao fundo dos rios, local de morada dos encantados”, eles obtêm grande reconhecimento pelo grupo, bem como os “ex-pajés”, convertidos ao protestantismo, atuantes na cura, mas possuídos agora, pelo espírito santo. Assim, objetivo aqui é analisar as formas diferenciadas da pajelança deitar raízes na Amazônia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pajelança; Ritual; Continuidade.

**ABSTRACT**

This paper analyzes the changes and continuities of shamanic rituals on the islands of Abaetetuba PA, are demonstrating how this practice is flourishing, although some residents of communities point their disappearance. The reality is that some people directly or indirectly act in shamanism, in the "old ways" or new traditions (HOBSAWN, 2012). Those old ways may be what Charles Wagley (1957) calls "pajés sacacas" those are "recognized by the group as capable of carrying out incursions into the bottom of the rivers, the dwelling place of the enchanted ones." They get an enormous recognition by the group, as well as the “former pajés”, converted to Protestantism, now, they deal with the healing work but possessed by the holy spirit. So, the present goal is to analyze the different forms of shamanism that belong to the Amazon's roots.

**KEYWORDS:** Shamanism; Ritual; Continuity.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará - UFPA, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA. Mestra em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Professora de História pela Secretaria de Estado e Educação do Pará – SEDUC/PA. E-mail: lucielma.lobato@gmail.com.

## PAJELANÇA AMAZÔNICA: NOTAS INTRODUTÓRIAS

A pajelança é considerada, por vários pesquisadores<sup>2</sup> como uma forma de xamanismo que segundo Galvão (1955) é muito praticada na Amazônia paraense. Trata-se de uma prática ritualística que, na maioria dos casos, é mais encontrada nas regiões rurais. Para Galvão, a pajelança teve origem na pajelança dos índios dos grupos tupis e que sofreu influência de crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, e posteriormente recebeu forte influência da umbanda. Em uma de suas definições sobre a pajelança Galvão (1955, p. 45) afirma ser “um complexo de práticas mágicas que se baseia no poder de determinados indivíduos, os pajés”.

O antropólogo Charles Wagley (1957) também faz uma breve incursão sobre a definição do tema e menciona que prática da pajelança entre a população de Itu possui ainda alguns traços peculiares com a pajelança indígena dos povos de língua tupi, mas também afirma a existência de alguns elementos diferenciados que foram introduzidos por outros grupos sociais. Para o autor, os rituais da pajelança têm a função de ajudarem a população lidar com os males que os afligem no seu cotidiano.

Na Amazônia segundo Heraldo Maués e Gisela Villacorta (2004, p. 12) a pajelança é associada ao imaginário do “do caboclo”, ou seja, é uma pajelança não indígena praticada nas cidades ou nas regiões rurais da Amazônia, pois ela é “praticada, sobretudo, pelos caboclos da Amazônia”.

O antropólogo Heraldo Maués (1993) afirma que a pajelança é carregada sob fortes influências indígenas, mas também integra um novo sistema de relações sociais e incorporou crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, recebendo atualmente fortes influências da umbanda. No período de sua pesquisa o antropólogo afirmava que essa seria uma prática pouco desenvolvida nas regiões rurais do salgado paraense, sendo, portanto, muito trabalhada nas cidades.

Por outro lado, autores como Mota (2007) afirmam que em várias regiões rurais do Estado do Maranhão a pajelança é bastante frequente. O antropólogo Silva (2014), ao fazer um belo trabalho sobre a pajelança na região rural de Capanema, nos mostra que várias são as pessoas que trabalham como pajés, e mais, que muitas são as pessoas que procuram ajuda para resolução de aflições do corpo e da alma. Isso também foi comprovado nas análises de Villacorta (2014), mas está pesquisadora vai além, e

---

<sup>2</sup> Como Galvão (1955), Maués (1990), Villacorta (2011) dentre outros.

demonstra que a pajelança rural ou urbana não é apenas uma prática ritualística masculina, mas também bastante reconhecida por mulheres pajés.

Nas ilhas do município de Abaetetuba, mesorregião do nordeste Paraense, é um local em que a simbolização religiosa é grandiosa, uma vez que enorme é o número de igrejas de santos católicos, igrejas de diversas denominações evangélicas e protestantes, além de diversos espaços sagrados sendo eles terreiros, centros de umbanda ou casas de pajelança (SILVA, 2013). Nesse rol religioso, as casas de cura e pajelança também podem ser vistas no interior deste município, estão solidificados em várias ilhas e em algumas regiões de estrada ou mesmo no centro urbano.

Por outro lado, várias pessoas moradoras de comunidades próximas e distantes que desconhecem ou procuram (des)conhecer a existência desses espaços religiosos tão importantes no contexto Amazônico. Essa questão pode ser respondida pelo crescimento das igrejas pentecostais nas regiões ou pelo próprio preconceito que recai sobre a diabolização de tais cultos.

Seja como for, o que vemos quando fazemos uma análise mais acurada sobre esse tema é que várias são as pessoas que trabalham com a pajelança no interior de Abaetetuba, seja pelo processo de “feitura” do indivíduo pelas forças da natureza, onde este é levado pelas entidades para o fundo dos rios ou para o interior das matas, afim de que haja um “preparo” deste indivíduo, por parte das entidades, para se tornar “pessoas” (SIMMEL, 2006; DUMOND, 1985), após esse processo o “indivíduo” se tornam pajé reconhecido e muito requisitados por seus trabalhos de cura.

Além dessas pessoas importantes no contexto amazônico, temos outras que também tem se destacam, são elas as ex-pajés, pessoas que trabalhavam na pajelança, mais foram por alguma razão convertidas ao protestantismo seja pentecostalismo ou neopentecostalismo evangélico e, por essa razão, são proibidas de continuar seus trabalhos de cura incorporadas por suas entidades e guias espirituais. Por outro lado, essas pessoas não conseguem se afastar totalmente de seus trabalhos de pajelança e continuam a atuar na cura, porém não em suas casas de cura, mas agora no interior das Igrejas e não mais incorporadas por suas entidades e sim pelo que essas pessoas chamam de Espírito Santo.

Esses símbolos novos são cristalizados no que Hobsbawn (2012) denomina de Tradição que é localizada como um conceito de invariabilidade, a qual impõem práticas fixas, ou seja, normalidade formalizada. O autor ao fazer referência ao conceito de tradição, menciona que ele não é estabelecido no sentido de passado histórico, isto é, de

tempo histórico, pois para o autor, existem muitas tradições que são absolutamente recentes em um tempo e espaço, mas que foram estabelecidas pelo grupo social como um processo de tradição, e como tal faz como os membros pertencentes a esse grupo se identifiquem ou mesmo que organizem grandes lutas sociais em busca de defender determinados interesses.

Com isso Hobsbawn (2012, p. 09) afirma que o tradicional não está preso no tempo e é o grupo que inventa, pois, a tradição não é engessada, mas está constantemente mudando, pois é o povo quem atribui e escolhe o que vem a ser tradicional. Nesse ponto, a tradição pode ser inventada em tempo antigo ou mesmo recente, mas é necessário ser demonstrado pelo povo em uma espécie de ritual simbolicamente aceito socialmente. Sendo assim, as novas tradições podem ser consideradas fatores que afetam ou não as antigas tradições, mas isso não significa que essas irão desaparecer, e sim acionadas quando o grupo considerar necessário.

Essa questão da tradição nos ajuda a pensar sobre a assertiva do “possível desaparecimento da pajelança nas ilhas de Abaetetuba-PA”, pois ao passo que as igrejas evangélicas se localizam nos arredores dessa região da Amazônia, passa a vigorar uma nova tradição religiosa nesses espaços, que é aceita por boa parte grupo. Mas, essa nova tradição não anula a antiga, aqui em especial a pajelança<sup>3</sup>, pois o que é visto é uma convivência entre as tradições.

Assim, este trabalho vai apresentar dois casos acerca desta questão em que provam que a pajelança não está fadada ao desaparecimento e sim está sendo reconfigurada sob uma nova égide cultural, religiosa e social, ou mesmo se mantém viva e sólida em várias ilhas de Abaetetuba-PA, como é o caso da ilha Urubéua Fátima, local em que a pajelança se vê viva e florescente, sendo trabalhada por uma mulher forte e reconhecida por seu trabalho espiritual que muito têm ajudado sua comunidade, e por ser uma “Pajé Sacaca” (WAGLEY,1957).

### **PAJELANÇA RIBEIRINHA: ESTÁ FADADA AO DESAPARECIMENTO?<sup>4</sup>**

A comunidade ribeirinha abaetetubense é uma comunidade que foge ao que Weber (2009, p. 246) denomina como sendo uma comunidade étnica, e como tal vive em harmonia e homogeneidade, isso porque em Abaetetuba as comunidades ribeirinhas

---

<sup>3</sup> Mas também podemos citar as igrejas de santos católicos.

<sup>4</sup> Todos os nomes de pessoas que surgirão ao longo das páginas são codinomes, uma vez que a grande maioria dos interlocutores não aceitam ter seus nomes citados, com exceção da Pajé Neca que é chamada por este nome e por ele muito reconhecida, que aceitou ter seu nome citado.

são completamente heterogêneas e possuem diferentes práticas religiosas, sociais e econômicas. Nesse sentido, podemos nos aproximar de Barth (2000) e denominar essa região como uma comunidade culturalmente complexa, pois compartilha de várias premissas e convive nem sempre de forma pacífica.

A pajelança é um exemplo disso, pois faz com que as pessoas doentes costumeiramente procurem por auxílios espirituais em busca da cura seja ela física ou espiritual, mas quando são perguntados sobre suas frequências em tais locais quase sempre respondem que não frequentam, e que isso é uma prática demoníaca. Nesse sentido, há uma falta de reconhecimento quanto suas pertenças ou mesmo de sua utilização dos trabalhos de cura.

As atuações das Igrejas Assembleias de Deus nas ilhas de Abaetetuba, somado com as cargas de preconceito que recai sobre essa prática religiosa, faz com que muitas pessoas afirmarem que ela já não existe, como dizia seu Raimundo, comerciante e morador da ilha Rio da Prata, “esse trabalho de curandoria, não tem mais aqui nas ilhas do sítio, eu mesmo não conheço ninguém”<sup>5</sup>. Dona Fátima moradora e comerciante do centro de Abaetetuba também afirmava “nas ilhas não conheço ninguém, acho que isso já não tem mais”<sup>6</sup>.

A “tradição” (HOBSBAWN, 2012) religiosa das igrejas pentecostais, em especial a Assembleia de Deus tem trabalhado assiduamente no intuito de desmobilizar as casas de cura modestamente espalhadas pelas ilhas de Abaetetuba. Esse trabalho tem sido tão forte que tem feito com que muitos pajés deixar sua “missão” para se dedicar “de corpo me alma” para as obras da Igreja, para as “obras de Deus”, e “tudo o que faziam nas casas de cura não é feito mais”.

Por outro lado, a mediunidade não pode ser deixada de lado de forma simples como essas pessoas relatam, ao contrário as entidades são recebidas, mas agora não mais no interior de sua antiga casa de cura, e sim no interior da Igreja e em especial nos dias de Culto de Revelação e de Cura. Nesses momentos, os antigos pajés realizam trabalhos de cura, não mais em nome de Jarina ou Herondina<sup>7</sup>, por exemplo, agora fazem a cura pela atuação do Espírito Santo.

---

<sup>5</sup> Fala de seu Raimundo, morador e comerciante da ilha Rio da Prata, município de Abaetetuba, 15/06/2015.

<sup>6</sup> Fala de Dona Fátima, moradora da cidade de Abaetetuba e ex-moradora do Rio Panacoera, município de Abaetetuba, 06/05/2015.

<sup>7</sup> Entidades espirituais que trabalham na cura de pessoas adoentadas.

Por essa razão, não podemos afirmar sob nenhuma hipótese que a pajelança está desaparecendo nas ilhas de Abaetetuba, mas sim que ela é um culto florescente, pois várias são as casas de cura que se localizam no interior da floresta, e que fortemente atuam na missão da cura. Nesses espaços a procura é enorme e vinda de vários espaços sociais e diferentes congregações religiosas como é o caso do menino Simão:

Simão era filho do pastor da Igreja “Deus é o Amor”, um dia, caminhando pelo terreiro foi atingido por um feitiço que era para outra pessoa, mas ele foi o primeiro a pisar. Bem, ele passou muito mal, foi levado para vários especialistas em Belém e em São Paulo, mas morreu. Essa criança ficava comumente aparecendo para o pai e para alguns outros familiares, eles decidiram que deveriam me procurar e eu disse pra eles o que tinha acontecido, e que a solução para o problema era retirar o feitiço do corpo da criança. E assim foi feito, fomos a noite porque estávamos sem a autorização para desencavar o cadáver, mesmo assim fizemos, eu retirei três agulhas e três alfinetes da perna do menino e ele nunca mais apareceu (Dona Neca, pajé do Rio Urubuéua, 24/08/2015).

Isso demonstra que mesmo diante aos ataques comumente sofridos pelas diversas igrejas pentecostais em Abaetetuba, as casas de cura continuam e se fortalecem mesmo diante a todas essas dificuldades. Sendo assim, as casas de pajelança vêm se estabelecendo frente a “mudanças e transformações” (BARTH, 2000), mas essas transformações não extinguem as casas de cura, pois quando é necessário elas são procuradas até mesmo por pessoas que trabalham contra, no sentido de enxergar seu desaparecimento.

Essas comunidades ribeirinhas podem ser consideradas comunidades que se transformaram ou mudaram, no que tange seu espaço religioso, uma vez que viram o nascimento de congregações evangélicas que acabaram mudando a estrutura religiosa de outrora. Mas essas transformações religiosas no espaço ribeirinho têm sido fator de permanência como por exemplo, quando as ex-pajés realizam cura em nome do espírito santo, mas de uma forma muito semelhante ao que faziam em suas casas de pajelança.

Esse é um caso vivido por Dona Graça do Rio Itacuruçá, uma senhora que trabalhava durante anos de sua vida na pajelança, “eu realizava muitos trabalhos de cura, mais muitos mesmos! Professora, várias pessoas me procuravam, de todo canto, quando eu via chegava aqui no porto<sup>8</sup>”. Ela continuava a lembrar “os trabalhos era pra tirar feitiço, pra tirar mal olhado, para dar sorte aos empanemados, enfim era muita coisa mesmo”. A ex-pajé dizia que começou a receber suas primeiras manifestações da pajelança “quando estava no bucho da minha mãe que eu chorei e, ela (sua mãe) dizia

---

<sup>8</sup> Ponte localizada na frente da casa da ex-pajé, onde as pessoas entram e saem de sua casa.

que foi um choro forte que todo mundo que estava na sala escutou, mas quando eu cresci as entidades me levaram pro fundo (fundo do rio) e por lá fiquei até aprender muita coisa de curandeira<sup>9</sup>”.

Dona Graça deixou de fazer seus trabalhos de cura devido a presença da igreja Assembleia de Deus que muito atuou no sentido de convencê-la de que seus trabalhos eram na verdade obra do demônio e ela deveria abandonar tudo e aceitar a Jesus. Nas suas próprias palavras:

O pastor conversava muito comigo, passava horas aqui em casa me apresentando passagens da Bíblia e me dizendo que eu estava trabalhando durante os dezoito anos para o demônio e que Deus precisa de mim na sua obra. Ele vinha aqui todos os dias, me convidar para que eu fosse até a Igreja. Um belo dia resolvi aceitar esse diacho de convite e fui e graças à Deus aceitei Jesus e nunca mais trabalhei na pajelança, como curadora. Eu estou livre disso, graças à Deus<sup>10</sup> (Dona Graça, ex-pajé moradora do Rio Itacuruçá, 15/06/2015).

Nessas palavras se percebe a enorme tentativa de demonização da pajelança, ação que fez com que Dona Graça pensasse que iria deixar de vez seus trabalhos na pajelança, pelo menos essa é versão que ela acredita ou quer acreditar. Isso porque, quando perguntei a ela o que acontecia com as entidades que outrora trabalhavam com ela na cura espiritual, ela dizia:

As entidades se afastaram definitivamente nunca mais vieram! Deus me livrou delas de vez! Mas, assim, quando vem alguém aqui me procurar com criança aquebrantada ou em busca de oração eu faço, faço sim! Mas, não aqui, faço na igreja, movida pelo Espírito Santo. É ele que trabalha e quem cura. Lá na igreja eu faço revelação, eu benzo, eu ensino certos remédios caseiros, mas eu tomada pelas ações do Espírito Santo, não mais as entidades que me perturbavam! Porque, filha, é ele quem faz a obra<sup>11</sup>(Dona Graça, ex-pajé moradora do Rio Itacuruçá, 15/06/2015).

A esse respeito o senhor Malato, morador da mesma comunidade afirma que o que acontece na verdade é que “a Graça diz que não é mais curadora, mas faz muitas coisas que fazia antes, muitas mesmo”<sup>12</sup>. Sobre essa assertiva, seu Malato assevera: “ela dá passes, mas diz que é benzeção, vê o futuro, mas diz que é revelação, diz que o pastor afastou as entidades, mas quando está com problemas é com elas que ela fica

---

<sup>9</sup> Dona Graça, ex-pajé e moradora da comunidade Rio Itacuruçá, município de Abaetetuba, 15/06/2015.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Seu Malato, pescador e morador da comunidade Rio Urubuêua Fátima, Abaetetuba-PA, 20/06/2015.

falando, vai pra beira da ponte e fala com eles<sup>13</sup>”. E conclui “ela diz que está curada, mas esse Espírito Santo é muito estranho parece mais seu Rompe Mato<sup>14</sup>”.

Diante disso, é possível afirmar que nessa perspectiva temos mudanças e permanências das práticas de cura e pajelança, pois ainda que a conversão de Dona Graça tenha ocorrido, ainda assim muitas de suas antigas práticas de pajelança são feitas, mas agora reconfiguradas em uma “invenção da tradição” (HOBSBAWN, 2012). Essa transformação não implica em desaparecimento, somente que ela está camuflada em uma nova forma de vivencia e assim se mantém viva, mesmo diante aos constantes ataques que vêm sofrendo.

## **A CURA QUE VEM DO FUNDO: PAJELANÇA UMA PRÁTICA FLORESCENTE**

A religião é um elemento que estabelece forte relação comunitária e social, pois é lugar de encontro de várias pessoas que mesmo indo nas casas de culto em busca de objetivos diferentes, agenciam seus interesses comuns. Interesses que hoje têm sido pautados na busca de suprimentos alimentícios, pois com grande é a poluição dos rios, devido o caso do navio que afundou no porto de Barcarena há seis meses, caso que está afetando diretamente os pescadores que tem comumente ficado sem peixes<sup>15</sup>.

Esses homens e mulheres representam a nova luta espiritual e social em busca de melhorias sociais diante a toda essa tragédia ambiental. Nas casas de cura procuram a forma exata de fazerem com que as pessoas responsáveis, paguem pelo crime que causaram para essas comunidades e para o meio ambiente, as entidades têm sido comumente procuradas a fim de tentar buscar a solução para este problema por meio da intervenção espiritual.

Além desse problema atual, também temos muitas pessoas que procuram a casa de cura em busca de soluções de problemas que afligem o espírito e o corpo físico. No

---

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Esse caso ocorreu 06 de outubro de 2015, quando um navio libanês carregado de bois naufragou no porto da Vila do Conde, município de Barcarena-PA. Esse carregamento está até o presente momento submerso nesse porto, e carregado com os bois em constante decomposição orgânica avançada, além de despejar o material químico que vaza sem cessar em pleno Rio Pará, localizado a 55 km de distancia fluvial de Belém (CDP, 2016), e a poucos de Abaetetuba. Tal acontecimento tem sido responsável, segundo moradores das ilhas de Abaetetuba pela imensa falta de peixes nos rios deste município, como relata do Maria Raimunda “tem sido uma tristeza enorme, o povo vai para baía pescar e volta sem nada, não pega mais nada! Só dá camarão” (Aposentada e moradora do Rio Maúba, município de Abaetetuba-PA).



que tange aos problemas de ordem espiritual temos: pessoas que manifestam espírito por mediunidade, por serem atacadas por espíritos que gostaram dela e quem que ela se torne nova pajé, pessoas que foram atingidas por flechadas de bichos, de sol ou de lua, ou ainda pessoas que são acometidas por feitiços. Os casos de cura física ocorrem quando o indivíduo é acometido por enfermidades tais como: diarreia, verminoses, doenças de pele, etc.

Por outro lado, algumas dessas pessoas, que utilizam esses serviços, não se identificam como frequentadores e utilizadores dos trabalhos da cura feitos pelas mãos dos pajés, devido receio de serem hostilizados. Por outro lado, essas mesmas pessoas procuram a casa de cura quando apresentam qualquer doença mesmo às físicas causadas por vírus ou bactérias, a essas doenças, a peje Neca, por exemplo, incorporada, receita remédios que em sua maioria são responsáveis pela cura. E em suas palavras:

“A pessoa adoentada vem aqui geralmente de dia eu vejo o que ela tem e com isso que tipo de plantas, partes de animais, o tipo de banhos que devem ser usados. Depois de reunir todos é só esperar que eles mesmos fazem os trabalhos de cura, pois me incorporam e fazem tudo o que tem que ser feito, antes deles irem embora ensinam o que deve ser feito pelo doente” (Dona Neca, pajé do Rio Urubuéua fatima, 24/08/2015).<sup>16</sup>

Diante disso, na pajelança se comunga conhecimentos que tratam questões espirituais ligadas aos mais diversos problemas de espirituais, bem como se tratam de problemas de ordem físicas como dores de cabeça, picada de cobra, desinteira, verminoses e vários outras doenças, isso nos mostra como a pajelança pode validar vários conhecimentos antropológicos em especial aqui a antropologia simétrica que em pode ser explicado pelas outras ideologias, as quais devem ser consideradas científicas e reconhecido como conhecimentos válidos. Esses conhecimentos estabelecem a diferença entre os grupos, que não são homogêneos, mas que sempre acionam suas necessidades quando delas precisam.

Na casa de Dona Neca chamada de Casa de Cura<sup>17</sup> do Rio Urubuéua Fátima são realizados vários rituais de cura associados à pajelança. O ritual com banho de ervas, servem para tratar questões relacionadas ao sofrimento físico como dor de cabeça, dor no corpo, febres, dores estomacais, diabetes, picadas de cobras, problemas da mãe do corpo (abertura do útero, pós-parto), dentre outras. Também, são utilizadas nos

---

<sup>16</sup> Dona Neca, pajé do Rio Urubuéua Fátima, município de Abaetetuba-PA.

<sup>17</sup> Como dona Neca denomina seu espaço onde realiza os rituais de pajelança.

tratamentos de ordem espiritual tais como: amarrar<sup>18</sup> um companheiro ou companheira, atrair sorte, dinheiro, afastar olho gordo, inveja e proteger-se contrafeitiços, flechadas de sol, de lua, mundiação<sup>19</sup> de bicho do fundo e contra encantamento do povo da mata que podem interferir na vida social dos indivíduos que procuram as casas de cura de pajelança. Além desses, temos os problemas de ordem espiritual, em que pessoas que possuem mediunidade ou espíritos se tratam com Dona Neca a fim de desenvolver suas mediunidades ou para expulsar os espíritos indesejados.

Os trabalhos feitos por Maria Antônia da Silva, mais conhecida nas ilhas de Abaetetuba como Dona Neca, lhe conferindo imenso prestígio social. Segundo seu João Oliveira, morador da comunidade Rio da Prata,

“Dona Neca é uma mulher de muita personalidade, ela sempre foi muito decidida, daquele tipo que é igual homem, ela quem decide as coisas pra muita gente, e a gente acata porque sabe que na verdade ela é guiada pelos seus guias que vão ensinando o que deve ser feito (João Oliveira, morador da comunidade Rio da Prata, 02/05/2015)”.

A professora Fátima Alenquer, moradora da comunidade Rio da Prata afirmava que quase todos os moradores da comunidade de Urubuéua, rio da Prata e de outras ao redor, se tratam com a Dona Neca, por isso ela vive sempre muito ocupada. São várias pessoas que vão à sua procura com “aflição” oriunda de doenças físicas e espirituais:

“A gente procura a Neca, porque confia e acredita que ela tem poder para nos ajudar, seja em questões de banhos contra inveja, feitiço ou má sorte, mas a gente também confia nos remédios que ela receita pra problemas de saúde, que é bata, bater e ver (Fátima Alenquer, moradora e professora na comunidade Urubuéua Fátima, 02/06/2015)”.

De acordo com Dona Neca, todo esse prestígio social se deu, porque ela possui uma íntima relação com a *Mãe do mato* e a *Mãe d' água*. Com a Mãe do mato ela afirmava: “eu não tenho e nunca tive uma pessoa que me ensinasse a fazer as coisas de curandeira, pajelança, na verdade quando o mestre Lázaro morreu e a corrente dele passou pra mim, ela veio toda pra mim”<sup>20</sup>. Segundo Dona Neca, antes do mestre Lázaro morrer, ele a chamou e disse que explicar seria herança de Dona Neca. E sua função, dali em diante, era curar e ajudar as pessoas que procurassem por ela.

<sup>18</sup> Fazer sob rituais mágicos que uma determinada pessoa se torne completamente apaixonada.

<sup>19</sup> Segundo Dona Neca ocorre quando algum “bicho” leva para o fundo uma dada pessoa e quando volta fica encantada, como se não estivesse em outro lugar e com outras pessoas. Eles falam coisas sem sentido e falam sozinhos comumente.

<sup>20</sup> Dona Neca, pajé do Rio Urubuéua Fátima, município de Abaetetuba-PA.

“Após a morte do mestre Lázaro fui levada para o fundo, meus pais já tinham me dado como morta, passei vários dias no fundo, a mãe d’água me ensinou muita coisa, como fazer remédios, os tipos de doenças, como livrar vários males. Lá é um lugar lindo de muita luz e paz, um lugar perfeito, sem dores. E todas as vezes que eles (as entidades e de rio) precisam me ensinar alguma coisa ou me afastar algum mal que vem sobre meu corpo, eles me lavam para o fundo, já fiquei até semana no fundo, quando eles me deixam de volta é sempre no cemitério, onde as minhas energias são devolvidas pela mãe d’água” (Dona Neca, pajé do Rio Urubuêua fatima, 24/08/2015).<sup>21</sup>

Ainda afirmou que:

Eu chorei no ventre de minha mãe, mas até antes da chamada pelo mestre Lázaro, nada desse negócio de pajelança tinha acontecido, e continuava em um mês antes do mestre morrer ele me chamou ele me disse que as entidades estavam dizendo que a minha hora estava chegando, que eles iam me lavar pra longe e fazer em mim tudo que tinha que ser feito. (Dona Neca, pajé do Rio Urubuêua fatima, 24/08/2015).<sup>22</sup>

Dona Neca, muito nervosa mencionava “eu disse pra ele que não queria nada daquilo e que era pra ele escolher outra pessoa que eu mesma não queria isso, mas ele disse que não era ele quem estava me escolhendo, mas sim os guias”<sup>23</sup>. Seja como for, Dona Neca pode ser considerada uma pajé de nascença, e segundo Eduardo Galvão (1955) entre os “pajés de nascença” o mais poderoso e importante é o *sacaca*, uma vez que é capaz de realizar incursões ao fundo dos rios, local de morada dos encantados. Afirma, ainda, que há muitos casos em que a iniciação do pajé de nascença acontece no próprio Encante (ou seja, no mundo encantado sob as águas, onde habitam os encantados ou caruanas), ao invés de contar com o auxílio de um pajé experiente. Nesses casos, o futuro pajé chega a passar meses desaparecido, imerso nas profundezas dos rios, aprendendo diretamente com os Caruanas os segredos de sua arte. Esse tipo de pajé será considerado um *sacaca*.

Diante disso, após ter passado uma semana da morte do mestre, a pajé afirmava que “estava me arrumando para tomar banho”, e como não há banheiro, a maioria das pessoas tomam banho no rio, a jovem moça com 14 anos, se deslocou à ponde de sua casa, entrou na água e em seguida foi puxada para o fundo: “foi um momento muito estranho, pois eu não conseguia forças para me levar pra flor d’água, me debatia, mas foi inútil, uma força me levou”<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> Dona Neca, pajé do Rio Urubuêua Fátima, município de Abaetetuba-PA.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem.

Perguntei como era esse lugar, ela me disse que é “um mundo lindo, de paz, de amor, de aprendizagem”<sup>25</sup> e que nesse lugar “as plantas diziam coisas para ensinar, da mesma forma que os bichos e as coisas que estavam por lá”<sup>26</sup>. E com muito orgulho ela dizia: “eles me ensinaram tudo o que eu sei, tudo mesmo, eles foram e são meus professores”<sup>27</sup>. Nesse lugar, os guias e encantados ensinaram a fazer remédios, a tratar pessoas com determinadas doenças e a fazer objetos de proteção, “sou pajé porque eles queriam, e eles mesmos me ensinaram a ser pajé”<sup>28</sup>.

Segundo a pajé, esses ensinamentos levaram em média dois anos de idas e voltas ao fundo das águas, onde a menina Neca foi sendo moldada para ser a pajé. Esse molde segundo a pajé “foi feito pelas mãos da mãe d’água”, foram os guias que me ensinaram pouco a pouco que deveria ser feito e como deveria ser feito. Seu Tupiaçú, caboclo de mata, incorporado em Dona Neca, afirmou “a minha filha hoje é uma grande mulher, uma pessoa de respeito e reconhecimento, mas antes de nós a buscarmos ela era só mais uma mulher, uma simples mulher, agora ela é uma Pajé.”<sup>29</sup>

Dona Neca foi feita ou preparada pelas forças de seus guias e entidades espirituais que lhe deram sabedoria para desenvolver suas atividades de pajelança nas ilhas de Abaetetuba, além de lhe conferir prestígio e reconhecimento. Analisando essa questão a partir dos conceitos de Marcel Mauss (2003) é possível perceber a separação entre as categorias do Eu, do Indivíduo e Pessoa, as quais são importantes para se entender como um ser humano, antes desconhecido, quase invisibilizado no seio social, passa a ser reconhecido como uma pessoa diferenciada na hierarquia social.

Mauss (2003) mostra a diferenciação entre a categoria do Eu e do Indivíduo e como algo muito sutil, pois entre vários os povos estudado por ele, foi possível observar a semelhança grandiosa entre ambas. Elas seriam formadas pelos diferentes povos para demonstrar a importância do sujeito enquanto a formação de sua face, ego, papel social, na construção da sua personalidade que entre alguns povos se inicia pela própria escolha do nome. Por outro lado, Mauss (2003, p. 385) menciona que a categoria Pessoa é:

A “pessoa” é mais do que um elemento de organização, mais do que um nome ou o direito a um personagem e a uma máscara ritual, ela é um fato fundamental do direito. Em direito, os juristas dizem: há somente *as personae*, as *res* e as *actiones*: esse princípio ainda governa as divisões de nossos

---

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Fala do caboclo Tupiaçú durante um trabalho de Cura.

códigos. Mas trata-se aqui do resultado de uma evolução particular ao direito romano.

Pautado nessa perspectiva, Louis Dumont (1985 b, p. 125, minha tradução) afirma que “todo o ser humano que vive em sociedade pode ser duas coisas: indivíduo ou pessoa”. La Fontaine (1985) faz a diferença entre ambos, demonstrando que o primeiro está na ordem do biológico, fisiológico e psicológico, onde esse sujeito possui papel firmado para atuar na sociedade que em grande parte contribui para o quadro social. O segundo está ligado ao termo técnico que se liga com “as funções nas relações sociais, a partir da realidade empírica”. La Fontaine (1985):

A maneira em que um indivíduo é concedido à condição moral de personalidade depende de outros recursos sociais. Como Fortes aponta, o conceito da pessoa se refere à mortais, seres humanos transientes para uma contínua todo social. Ideias da sociedade, diversamente conceituada, e a natureza do conceito de que a pessoa, portanto são interdependentes. Em Estados moderno com suas hierarquias burocráticas, a sociedade é concebida como uma organização de indivíduos que competem, os cidadãos do estado. Continuidade encontra-se em uma estrutura de escritórios e funções para as quais os indivíduos aderir acordo às suas qualidades pessoais. Em sociedades como pessoa e indivíduo são virtualmente indistinguíveis. Em contrapartida, quando a sociedade é vista como descendentes dos ancestrais fundadores, personalidade é o cumprimento de uma socialmente carreira significativa, de que os elementos cruciais são a paternidade e autoridade paterna. Nestas sociedades, nem todos os indivíduos são pessoas. As sociedades baseadas em um princípio de descendência patrilinear não são idênticos, como os exemplos discutidos aqui têm mostrado. Seus conceitos da pessoa variam de acordo com os princípios especiais a que a autoridade é legitimada (LA FONTAINE, 1985 b, p. 138-139, minha tradução).

Nesse sentido, Roberto DaMatta (1997) em *Carnavais, Malandro e Heróis* faz a análise sobre o questionamento “Você sabe com quem está falando?”, uma frase tipicamente brasileira que acaba por reforçar a diferença entre os indivíduos e as pessoas, uma vez que o sujeito social ao se utilizar da frase está demonstrando que é uma “pessoa” e, portanto, não pode ser tratada sob as determinações da lei, uma vez que essa posição social, dentro de um determinado contexto, lhe confere status elevado de reconhecimento que a impede de ser medida sob os jugos da lei.

Diante disso, se vê que o processo ritualístico que fez de Dona Neca a pajé Dona Neca, essa situação foi responsável pela passagem do status de “simples mulher, para o de uma importante pajé” e bastante reconhecida por suas atividades de pajelança. Isso, segundo Dona Neca, foi possível devido a mesma ter sido “preparada” por seus guias e não por qualquer pessoa. Eles lhe conferiram e lhe conferem o poder necessário para assumir uma posição social de destaque.

Segundo Galvão (1955) e Heraldo Maués (1999) os pajés da Amazônia possuem prestígio e reconhecimento devido possuírem formação de aprendizagem diretamente ensinados pelos guias, uma vez que quase todos possuíam dom de nascença, pois choraram no ventre de suas mães e, por conseguinte foram sendo moldados de acordo com os interesses de seus guias. Algo semelhante foi visto por Cavalcante (2012) no município de Soure, no arquipélago do Marajó, lugar em que a Pajé Zeneide Lima atua, e que possui grande reconhecimento nacional e internacional. A autora afirma que isso foi possível porque Zeneide passou pelos mesmos processos que os pajés estudados por Galvão e Heraldo Maués, e por terem sido pajés preparados pelos guias nas constantes idas ao fundo dos rios são chamados de pajés sacacas.

Assim, a “pessoa” se manifesta no reconhecimento que adquire e faz com que outros indivíduos procurem saber “informações a seu respeito ou tragam à baila o que já possuem. Estarão interessados em sua situação econômica geral, no que pensam de si mesmos, na atitude a respeito deles, confiança que merece, etc (GOFFMAN, 2011, p. 11)”. Essas informações são repassadas de indivíduo para outro, por meio de conversas informais, nesses contatos interpessoais a “pessoa” passa a ter reconhecimento entre seus pares devido este ter “agido de modo que os outros de alguma forma se impressionaram” e isso “serviu de referência” (GOFFMAN, 2001, p. 13). Por tudo isso, o modo de viver, de trabalhar, de falar e de agir de Dona Neca é responsável pela crença que das pessoas sob seus trabalhos de cura, e tudo se torna mais ratificado pela formação de seus guias, os quais lhe ensinam como agir, se comportara e inclusive como atuar nas situações necessárias.

## **O FLORESCER DAS NOVAS TRADIÇÕES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A pajelança nas ilhas de Abaetetuba pode parecer à primeira vista e pela fala de algumas pessoas, mas não de todas, como uma prática ritualística que está fadada ao desaparecimento, por outro lado, quando adentramos de fato para esse fenômeno passamos a observar que ela está se reconfigurando no interior de novas tradições (HOBSBAWN, 2012) ou está de fato viva em muitas casas de cura.

Quando pensamos no trabalho grandioso feito pelas igrejas pentecostais ao longo dos rios de Abaetetuba, vemos que os ex-pajés ainda fazem muito do que faziam anteriormente quando se assumiam quanto pajés. Isso devido essas pessoas aturem,

mesmo que de forma diferenciada no trabalho de cura. Mas o que penso ser algo interessante de ser pensado: como se dá a aceitação por parte dessas Igrejas evangélicas para com os ditos ex-pajés? Pois, os ex-pajés atuam na cura de outras pessoas convertidas ou não, e isso é tomado pelos pastores como algo normal, portanto, não é questionado, nem impedido.

Diante disso, vale a pena refletir posteriormente como se desenvolve essa relação que posso considerar harmônica, de um lado as igrejas para com os ex-pajés e do outro os ex-pajés para as igrejas. Por meio dessa trama diferenciada é relevante o seguinte questionamento: quais os interesses dos pastores e da própria igreja em aceitar os ex-pajés e suas práticas antigas? Ou seja, qual o interesse dessas igrejas? Penso que elas precisam dessa moderação para sobreviver em um campo em que o ritual de pajelança e a mediunidade são aflorados.

Diante a este cenário, temos o outro lado, o dos pajés que por alguns são (des)conhecidos, mas que esse fenômeno se deve pelo trabalho das igrejas evangélicas e católicas que as demonizam. Esse fato faz com que muitos dos próprios frequentadores e utilizadores dos trabalhos de curam afirmem que não conhecem e não sabem quem são os pajés das ilhas de Abaetetuba-PA, mesmo que saibam muito bem de quem se trata e onde moram e/ou trabalham.

Essas pessoas ao contrário do que se pensa são reconhecidas, temidas e amadas por boa parte do grupo comunitário, pois seus trabalhos são pautados por sua própria “feitura” que se desenvolve pelas mãos dos encantados do fundo dos rios ou da mata, os quais o levam para essas moradas e lá fazem tudo que é necessário para que o “indivíduo” qualquer se torne uma “pessoa” (DUMOND, 1985) e nesse caso particular que se torne um “Pajé Sacaca” (WAGLEY, 1957).

Esse processo faz com que muitas pessoas acometidas de diversas enfermidades procurem pelos pajés em busca de sua cura, pois acreditam que esse processo proporciona a esse personagem o poder suficiente para realizar tratamentos difíceis de serem tratados, pois são as próprias entidades quem estão guiando os passos do pajé. Diante desse fato, o pajé age como um tradutor, sua missão é encontrar uma correspondência entre os diversos pontos de vista ou perspectivas, abarcando essa confusa miríade e produzindo um sentido (CARNEIRO DA CUNHA, 1998).

Sendo assim, a pajelança nas ilhas de Abaetetuba no Estado do Pará não está de forma nenhuma desaparecendo, ao contrário é um elemento impotente presente no contexto Amazônico e muito utilizado pelas comunidades desse município, mesmo que

em vários casos não tenha seu reconhecimento fortemente sedimentado. Ela é um ritual que possibilita o tratamento e em muitos casos a cura de muitas pessoas que moram no interior da floresta, por essa razão é um dos fortes elementos culturais, sendo caracterizada com uma tradição antiga que está se reconfigurando, e nesse processo tem se mostrado mais viva do que nunca.

## REFERÊNCIAS

BARTH, F. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Pontos de vista sobre a floresta Amazônica: Xamanismo e tradução. *Mana* 4(1): 7-22, 1998.

CAVALCANTE, Mayra Cristina Silva Faro. *A cura que vem do fundo: um estudo sobre mulher e pajelança em Soure, Ilha do Marajó*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.

DAMATTA, Roberto. Sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. In: *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rocco: Rio de Janeiro, 1997, pp. 187-259.

DUMONT, Louis. “Introdução”. “Gênese”. I. Do indivíduo fora do mundo ao indivíduo o mundo”. IN. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco. 1985.

\_\_\_\_\_. A modified view o four origins: Christian beginnings of modern individualism. In: CARRITHERS, Michael; COLLINS, Steven; LUKES, Steven (Eds.). *The category of person. Anthropology, philosophy and history*. Cambridge University Press, 1985.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GEORGE, Simmel. *Questões fundamentais da sociologia: individuo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

GOFFMAN, Irving. “Prefácio”, “Introdução” e “Conclusão”. Em: *A Representação do Eu na Vida cotidiana*. 9-24, 218-233. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ritual de interação. Ensaio sobre o comportamento face a face*. Vozes: Petrópolis, 2011, pp. 13-50; 95-109; 142-255.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Riode Jneiro: Paz e Terra, 2012.



LA FONTAINE, J. S. Person and individual: some anthropological reflections. In: CARRITHERS, Michael; COLLINS, Steven; LUKES, Steven (Eds.). *The category of person. Anthropology, philosophy and history*. Cambridge University Press, 1985, pp. 123-140

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: UFPA, 1990.

\_\_\_\_\_ e VILLACORTA, Gisela Macambira. In: Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. PRANDI, Reginaldo (Org). Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003

MOTA, Christiane de Fátima Silva. Doenças e Aflições: sobre o processo terapêutico na pajelança. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2007.

SILVA, Jerônimo da Silva e. Cartografia de Afetos na Encantaria: Narrativas de Mestres da Amazônia Bragantina. Tese (Doutorado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPA, 2014.

SILVA, Lucielma Lobato. Gênero, religião e simbolismo: um estudo do tabu do sangue nas religiões de matriz africana em Abaetetuba-Pará. Belém, 2013

VILLACORTA, Gisela M. *Rosa Azul: Uma xamã na metrópole da Amazônia*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Belém: Universidade Federal do Pará, 2011.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica*. Brasileira 290. Editora Nacional, São Paulo, 1957.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4ª Edição. Editora da Universidade de Brasília, 2009.

*Recebido em 29/04/2016*

*Aceito em 11/07/2016*